



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

A MULTIPLICIDADE DE SENTIDOS ENTRE A ESCOLA E AS JUVENTUDES: ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO "PRO DIA NASCER FELIZ"

PÂMELA TAMIRES BEZERRA FERREIRA DA SILVA

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo refletir acerca da relação dualista da educação na sociedade e a compreensão dos múltiplos sentidos da escolarização na visão das juventudes brasileira no âmbito público e privado. Para tanto, utilizou-se como embasamento a análise do documentário "Pro dia nascer feliz (2006)", destacando as contradições, conflitos, a relação professor-aluno e a diversidade na escola contemporânea. Também foi realizado um estudo bibliográfico utilizando autores que estudam as juventudes, como Dayrell (1996), Peralva (1997), Feixa (2003), Reis (2013), entre outros. Constatou-se que, a escolarização dos jovens ao longo dos anos tem sido pautada em interesses políticos e mercadológicos do sistema capitalista, o qual tem apresentado às juventudes de classes populares uma inclusão em espaços excludentes.

Palavras-chave: Juventudes. Escolarização. Sociedade.

ABSTRACT: This study aims to reflect about the dualistic relationship of education in society and the understanding of the multiple meanings of education in view of Brazilian youths in the public and private sectors. Therefore, it was used as basis the analysis of the documentary "Pro daybreak happy (2006)", highlighting the contradictions, conflicts, the teacher-student relationship and diversity in contemporary school. It was also done a bibliographic study using authors who study the youths, as Dayrell (1996), Peralva (1997), Feixa (2003), Reis (2013), among others. It was found that the schooling of young people over the years has been based on political and market interests of the capitalist system, which has presented the popular class youths an inclusion in exclusive spaces.

Keywords: Youths. Schooling. Society.

INTRODUÇÃO:

Na contemporaneidade são diversas as questões relacionadas a instituição escolar e as juventudes, os diferentes modos de experiências e saberes sócio culturais e escolares. Objetivando analisar estas relações e as formas dualista existentes no espaço escolar público e privado, o estudo é desenvolvido com o embasamento na reflexão do documentário "Pro dia nascer Feliz" (2006)[1].

O filme inicia falando sobre as manchetes e notícias que veiculam socialmente, as quais os jovens são considerados desviantes. Surge portanto nesse momento o seguinte questionamento: "*A culpa é da juventude transviada ou somos nós que não oferecemos um caminho?*"

Aproximo a indagação anunciada com o estudo de Peralva (1997, p. 18) acerca da sociologia da juventude que em sua grande parte tem considerado os jovens como desviantes. Nas palavras da autora: "o jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo"

Scmidt (2010), em seu texto "*Quando ter atitude é ser diferente para ser igual: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem*" apresenta a forma de como a juventude é percebida socialmente e estereotipada como um problema, o qual acarreta em índices negativos. A autora menciona que: "[...] o jovem é apontado tanto como a fonte de inúmeros problemas sociais - sexualidades fora de controle, drogadição, desemprego, violência", porém este também tem sido

visualizado como uma solução para o progresso da sociedade, ou seja, refere-se nas palavras da autora como uma “ fonte para a solução das dificuldades que o país enfrenta”. (SCHMIDT, 2010, p. 2).

Diante das considerações iniciais anunciadas, o cenário escolar tem sido enfatizado como o local de preparação dos jovens, ou seja, na atualidade tem sido revelado uma preocupação em torno da escolarização, a preparação para o trabalho e obtenção do lucro, portanto, vale destacar a expansão da escolarização e o seu desenvolvimento aplicado de forma dualista e seletiva.

Dessa forma, o estudo enfatiza reflexões sobre o dualismo na educação vivenciado por adolescentes e jovens de diferentes classes sociais, como também os abstratos investimentos e reais resultados, os quais são baseados em interesses do sistema capitalista como apresentado no documentário, o qual demonstra o cotidiano de escolas públicas e privadas em estados brasileiros, suas respectivas problemáticas, conflitos, perspectivas e os (re)significados dos diferentes sentidos da escola para as juventudes contemporâneas e vice-versa.

A ESCOLARIZAÇÃO JUVENIL, EXPANSÃO E DEMOCRACIA EM DEBATE.

No documentário analisado para o desenvolvimento do estudo sobre a escolarização juvenil, a preocupação voltada ao âmbito educacional, é apresentada a partir de meados do ano de 1962, onde apenas a metade dos brasileiros em idade escolar frequentavam escolas e eram alfabetizados. Realizando uma comparação, também é exposto estatísticas mais recentes do ano de 2006, época em que o documentário foi produzido, constatando um aumento na inserção dos sujeitos em idade escolar, entretanto, muitos destes ainda em fase de alfabetização abandonavam os estudos.

Em consonância as reflexões abordadas, relaciono a uma leitura do artigo de Reis (2014), intitulado de “*Aprender na atualidade e tecnologias: implicações para o estudo no Ensino Médio*”, o qual é apresentado que apesar da gradativa ampliação escolar “esse crescimento não esta garantindo a democratização do acesso aos conhecimentos que tal escolarização propõe viabilizar” (REIS, 2014, p. 1186). Moreira e Candau (2001) também cita que não há um acompanhamento e investimento para a nova geração dos jovens.

A geração juvenil da sociedade globalizada, não tem sido acompanhada e investida no sistema escolar de acordo com seus contextos sociais, culturais, históricos, pois como destaca Dayrell:

temos de levar em conta também que essa condição juvenil vem se construindo em um contexto de profundas transformações sócio-culturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da ressignificação do tempo e espaço e da reflexividade. (DAYRELL, 2007, p. 1108)

Dessa forma Dubet (2003, p. 33), reflete acerca do real investimento educacional na atualidade, nas palavras do mesmo, “o investimento escolar é considerado um investimento produtivo, a prazo a formação é uma força produtiva.”

De acordo com Áries (1978), os investimentos em torno da força produtiva surge com as mudanças ocorridas nas sociedades industriais, as quais evidenciam a valorização da educação dos adolescentes e jovens, porém apontando interesses da burguesia em torno da formação e qualificação para o trabalho.

Portanto, de acordo com os estudos destacados, ao realizar uma breve retrospectiva histórica, podemos analisar a forma como o investimento educacional tem sido enfatizado ao longo dos anos, constatando o dualismo existente entre maiorias e minorias, sendo que o primeiro corresponde aos trabalhadores de famílias pobres com a educação voltada ao trabalho como já abordado anteriormente e o segundo em referência aos nobres, leigos e burgueses com atenção voltada a forma escolar institucionalizada.

Retornando aos dias atuais, Dayrell (2007) ao abordar questionamentos da relação entre as classes sociais e a escolarização, constata-se que a expansão da escola pública ganha destaque na década de 1990, onde a diversidade dos sujeitos e as desigualdades sociais presentes no espaço escolar público revela uma interferência no processo de ensino-aprendizagem e a relação do jovem com a escola.

marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola. Esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares (DAYRELL, 2007, p. 1116)

O autor chama essa expansão de “massificação da escola pública”, tratando-e da entrada das classes populares na escola, pois como acrescenta Dayrell (2007, p. 1116), “as escolas públicas de ensino médio no Brasil, até recentemente, eram restritas a jovens das camadas altas e médias da sociedade”.

Nesse contexto da relação entre escola e expansão, vale também destacar o ensino privado, abordando o contraste do dualismo no sistema educacional o qual envolve os jovens. Se anteriormente, a expansão da escola pública passa a ser considerada o espaço destinado aos pobres e excluídos socialmente como também aborda Arroyo (2013), com a chegada das classes populares inicia a consolidação de precariedades desde a estrutura física até ao

processo de ensino-aprendizagem e por fim, os resultados. Dayrell (2007, p. 1116), também complementa que após a inclusão dos jovens pobres no espaço escolar public, este foi-se “reduzindo e muito o seu poder de pressão e o zelo pela qualidade”.

Diante do exposto, os jovens de classe média/alta expande um outro significado para a educação, migrando para a rede particular do ensino médio e conforme Dayrell (2007, p. 1116), equivalendo a “uma nova face da elitização”.

Esse dualismo educacional envolvendo os jovens de classes sociais, tras à tona, diversas questões que envolve o processo de escolarização, como as contrastes existentes em ambos espaços, o processo de ensino aprendizagem, a relação professor-aluno e até mesmo a percepção da escola no olhar dos jovens e do Estado.

Não se pode negar que referente a nova realidade da educação brasileira, tem ocorrido ao longo dos anos, uma tentativa de integração das novas gerações de jovens, suas especificidades, seus respectivos contextos e realidades sociais ao contexto escolar, principalmente o sistema público de ensino e o multiculturalismo presente nesse recinto, porém as tentativas têm sido invalidadas, pois essa (re)estruturação não tem de fato atendido a estrutura física ao projeto político-pedagógico de grande parcela das instituições escolares públicas acarretando em diversos fatores analisados no documentário e prevalecendo de forma contínua cotidianamente nesse espaço.

a estrutura da escola pública, incluindo a própria infra-estrutura oferecida, e os projetos político-pedagógicos ainda dominantes em grande parte das escolas não respondem aos desafios que estão postos para a educação desparcela da juventude. Se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade. (DAYRELL, 2007, p. 1116)

Essa falta de diálogo que envolve os jovens, suas experiências sócio culturais e a escola tem expressado as desigualdades sociais, a exclusão e dominação que é revelada também no âmbito educacional, como veremos na análise realizada a seguir.

AS CONTRADIÇÕES E CONFLITOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA : A JUVENTUDE ENTRE O ESPAÇO FORMAL E INFORMAL.

As desigualdades sociais, a qual inclui o processo de dominação e exploração entre os jovens, tem sido encaminhada ao espaço escolar gerando o fracasso das perspectivas de futuro e a negação da condição juvenil, pois consoante Dayrell (2007):

no contexto de uma sociedade desigual, além deles se verem privados da materialidade do trabalho, do acesso às condições materiais de viverem a sua condição juvenil, defrontam-se com a desigualdade no acesso aos recursos para a sua subjetivação. a escola, que poderia ser um dos espaços para esse acesso, não o faz. ao contrário, gera a produção do fracasso escolar e pessoal. (DAYRELL, 2007, p. 1122)

As desigualdades no âmbito social e escolar apontadas pelo autor que interferem em sua condição juvenil na sociedade, o qual envolve o trabalho, as subjetividades individuais e coletivas dos jovens em diversos aspectos, principalmente no que se refere à escola contemporânea que tem encontrado dificuldade em se adaptar aos novos sujeitos, os conflitos e contradições da sociedade globalizada, como podemos verificar no documentário em análise.

Na primeira escola pública apresentada, localizada no interior de Pernambuco, constata-se a precariedade da estrutura física da escola, entretanto, mesmo com as dificuldades, os alunos demonstram gostar de frequentá-la. No texto de Dayrel (1996) “A escola como espaço sociocultural”, O autor afirma que “ o espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa (...) é o cenário onde se desenvolvem o conjunto das relações pedagógicas, ampliando ou limitando suas possibilidades.” (DAYRELL, 1996, p. 13)

Diante dessas limitações, destaco a fala de uma adolescente de 16 anos, Valéria, a mesma cita que “*não tem chance de sonhar*”, enfatizando o quanto o seu desenvolvimento pedagógico em torno de suas produções literárias, têm sido subestimadas e não valorizada no ambiente escolar.

Em um dos poemas, a qual a própria adolescente Valéria realiza a leitura, o seguinte verso: “*Eu deveria frequenter ambientes de lazer se não tivesse de trabalhar*”, responde um dos motivos pelo qual, a escola pública apesar da precariedade de sua estrutura física, como já citado no início do escrito, os jovens alunos desta instituição a consideram importante constituindo-se de um local de sociabilidade.

Compreendemos portanto, que o espaço escolar público é um dos poucos locais de lazer destes jovens pobres, podendo perpassar até mesmo a um conformismo e falta de criticidade em torno da precariedade existente, ou seja, a própria escola não amplia as possibilidades de relação pedagógica como Dayrell (1996) citou em referência as suas possibilidades de escolarização.

Pode-se destacar portanto, o que Margulis chama de moratória social e a relação das classes, como por exemplo a

questão dos jovens não juvenis referindo-se aos de classes populares que não gozam do tempo livre, pela sua inserção no mercado de trabalho, atividades domésticas, casamento entre outras responsabilidades que não ocorre com os jovens de classe média/alta decorrente dos privilégios que apontam uma dedicação prolongada aos estudos, como veremos mais adiante ao analisar a relação dos sentidos da escola atribuído pelos jovens da escola privada.

Entretanto, continuemos a analisar o espaço público em outra escola apresentada no documentário, agora no estado do Rio de Janeiro em Duque de Caxias, localizada numa periferia, próximo a uma “boca de fumo”, como assim denominada pelos entrevistados. Inicialmente, os adolescentes demonstram receio contra a violência, sequestros existentes no espaço informal.

Douglas, um adolescente aluno da escola apresentada, é um dos exemplos o qual pode ser citado em referência a influência do espaço informal e a relação com suas experiências diárias. O adolescente ao apresentar o seu bairro, percebemos que trata-se de um local que impera as mazelas sociais, como violência, falta de saneamento básico. Ele afirma que o mundo da criminalidade nunca deixou o influenciar, mas que ele acha “maneiro uso de armas e drogas”. Segundo uma das assistentes sociais que o acompanha no Núcleo de Cultura da escola, “*o bairro o influenciou a assumir um comportamento que não é dele*”.

O adolescente participa de uma banda do Núcleo de Cultura da Escola, afirma que gosta da banda pois “impressiona as garotas”.

a música, a dança, o corpo, o seu visual tem sido os mediadores que articulam grupos que se agregam para dançar, “curtir o som”, trocar ideias, elaborar uma postura diante do mundo” (DAYRELL, 1997, p. 26)

Diante dessa questão de influência do espaço informal e sua relação na escola, destaco portanto, a importância da escola estar atenta as realidades socioculturais e experiências vivenciadas pelos jovens alunos. Pois como Dayrell (2007) ressalta:

na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos à ela. (DAYRELL, 2007, p. 1118)

A terceira escola apresentada, localiza-se em São Paulo, no Parque Piratininga, considerada a “periferia da periferia”, onde podemos constatar diversas versões e conflitos no discurso de diretora/ professor e aluno.

O espaço exposto, diferente das outras escolas apresentadas no documentário, trata-se de um local bem conservado em sua estrutura e segundo a diretora, os alunos e comunidade a acham bonita, tornando-se uma atração do bairro.

no caso dos jovens pobres, a sociabilidade ganha uma maior dimensão, à medida que a ausência de equipamentos públicos e de lazer nos bairros desloca para a escola muitas das expectativas de produção de relações entre os pares. (DAYRELL, 2007, p. 1121)

A diretora enfatiza que a escola obteve resultados positivos no Exame Nacional do Ensino Médio, com uma significativa quantidade de alunos que ingressaram no ensino superior pelo Proune. Em seguida a fala de um adolescente aluno de 16 anos , mostra uma certa criticidade acerca do assunto exposto e cita que o governo passa a imagem que a educação esta melhorando, entretanto, a situação é contraditória, no sentido de que, se realmente estivesse ocorrendo tais resultados positivos, não seria necessário os alunos de camadas populares terem que se contentar com o Proune. Diante disso, concordo que deveria haver um acesso igualitário desde a Educação básica ao Ensino Superior público e geral independente das classes sociais.

Segundo Freitag (1986, p. 65), os jovens de classes populares “em proporções muito pequenas ingressam em universidades” por atingem níveis baixos e diante disso o governo mascarar a realidade, com programas e cursos técnicos como Programa Universidade para Todos – PROUNI[2] e os crescentes cursos técnicos e profissionalizantes, como consolo para os jovens pobres, seja na corrida pela universidade ou mercado de trabalho.

A própria professora da escola afirma que “*o Estado deixa tudo muito jogado... maquia-se muito a coisa*”. Mostra portanto sua indignação acerca do trabalho docente constituindo-se de uma carga física e mental muito grande. Na fala da mesma, “ *o professor tem sido visto pelos alunos como um inimigo*”. Apresenta também a impressão que ninguém na escola se entende.

Em uma outra realidade diferente, numa escola localizada em um bairro de classe média, podemos constatar concretamente a dualidade existente na sociedade e educação, as adolescentes alunas citam que são dois mundos diferentes em um mesmo mundo.

Uma adolescente concorda que acerca desse olhar é necessário sair da zona de conforto, sair de dentro da bolha e relacionar com quem esta fora da bolha. Nessa escola percebe-se a exigência e disciplina. Alunos praticam esportes,

atividades e estudam cinco horas por dia, além do reforço escolar. Acerca do que foi apresentado, Dayrell cita que há um confronto entre aluno x jovens, sendo que as juventudes na escolarização tem sido vistos apenas como sujeitos formativos enquadrado na visão apenas do aluno esquecendo assim, as relações e percepções juvenis, pois como menciona Dayrell (2007):

a lógica escolar parece invadir cada vez mais a sociedade, atingindo, principalmente, as crianças e jovens, reforçando ainda mais sua identidade como “alunos”, como se essa fosse sua condição natural. Podemos perceber isso na proliferação de atividades extra-escolares, que vão dos cursos de língua estrangeira às atividades culturais e até mesmo o esporte, que seria uma atividade mais espontânea, cada vez mais praticado em “escolinhas”. As crianças e os jovens passam a ter grande parte do seu tempo cotidiano regulado e estruturado em atividades que traduzem elementos e traços da escola. Podemos ver aí uma tendência em transformar cada instante em instante de educação, cada atividade em uma atividade educativa, ou seja, como uma atividade cuja finalidade é formá-los, formar-lhes o corpo, os conhecimentos, a moral. Como se não existisse outra forma de estabelecer relações. (DAYRELL, 2007, p. 1117)

Uma das adolescentes de classe média/alta cita que concorda com essa lógica escolar citada pelo autor. Enfatiza que a disciplina da escola, favorece as exigências da vida, ou seja, o curso e a profissão que exercerão futuramente. Entretanto, há uma certa contradição, quando no documentário é citado que em época de entrega dos resultados, a maioria dos alunos ficavam chorando no banheiro quando não conseguiam a nota da prova desejada.

São realidades diferentes como visualizamos no final do documentário, a adolescente que concluiu o ensino médio em escola particular que foi aprovada com boa colocação no curso de engenharia na Universidade de São Paulo, e os adolescentes de classes populares que estudavam em escola pública E que após a conclusão da educação básica (se chegarem a concluir), não darão continuidade aos estudos e terão como opção de sobrevivência na sociedade a entrada no mercado de trabalho ou os que darão continuidade aos estudos no ensino superior e não terá o acesso igualitário e que ao insistir na corrida universitária têm como opção o Prouni, destacado anteriormente pela diretora no documentário como um resultado positivo, não sendo visualizado como uma função que ao mesmo tempo que inclui enfatiza uma segregação de todo um contexto social, envolvendo mais uma vez o dualism na educação entre o público e o privado.

Como observamos anteriormente, há de certa forma uma cobrança da família aos adolescentes de classe alta, apesar destes não enfatizarem essa questão, mas percebe-se que a questão que impera no discurso reflete as condições socioeconômicas dos jovens alunos o que por conseguinte interferem em sua escolarização, seja no processo e/ou resultado. Diferente por exemplo da última escola apresentada no documentário localizada na Periferia de São Paulo, onde a violência doméstica e social interferem e ultrapassam os muros daquela instituição, constatando conflitos violentos entre os alunos resultando em mortes. Cenário que em nossa realidade tem sido direcionada de forma crescente também aos professores, que além das agressões verbais podemos perceber agressões físicas, vindas dos alunos.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A QUESTÃO DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

A segunda escola pública apresentada é localizada na Cidade de Inajá. Nessa instituição a problemática enfatizada é o conflito existente entre alunos e professores. O que me aproxima da leitura de Dayrell (2007), em seu texto, “A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil”, quando o autor menciona que “Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (DAYRELL, 2007, p. 1106)

O autor menciona que na relação professor-aluno, deve ocorrer uma construção de legitimidades, principalmente no que se refere aos docentes que parecem estar perdendo a autoridade no espaço escolar.

ainda no âmbito das relações sociais que ocorrem no cotidiano escolar, é necessário ressaltar aquelas existentes entre alunos e professores. Vem ocorrendo uma mudança significativa nessa relação, principalmente na questão da autoridade, onde os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia. (DAYRELL, 2007, p. 1121)

No documentário, há uma reclamação dos alunos em relação aos professores, onde os mesmos os acusam de faltar e muita das vezes atribuir a mesma nota para alunos frequentantes e evadidos. Em relação aos docentes, estes acusam a falta de interesse. Uma professora cita que os alunos “iam a escola para aparecer, não entravam em sala de aula, a escola transformava-se como um escape”. Ressalta diante disso a desmotivação dos professores que estão “nem aí” para os alunos. Na fala de uma professor, através do argumento da força e não mais da autoridade como mencionado por Dayrell anteriormente. Nas palavras da docente em um momento de descontrole da situação em sala de aula a

mesma fala: “*Vocês tem que decidir se vão querer ou não sair da aula*”.

Diante disso Dayrell (2007, p. 1107) nos ajuda a entender a expressão utilizada pela professora (nem ai):

[...] em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil.

Ao analisar esta instituição, a câmera ao percorrer o espaço, constatamos que os corredores, intervalo, quando não ocorre a aula, a escola é visualizada por estes adolescentes e jovens alunos como um local de socialização e a sala de aula torna-se um ambiente diferente, um local enfadonho, com alunos dormindo. A fala de um aluno considerado problemático pela instituição, Douglas de 16 anos, onde ele cita “ninguém acredita em mim”. E de certo modo, ao observar a fala de diretora e professoras percebemos os estereótipos apresentados ao Douglas enquanto aluno: “*tumultuoso*”, “*gosta de chamar atenção*”.

No conselho de classe, acerca deste mesmo aluno, havia uma questão acerca de sua aprovação ou não, pois alguns professores/ disciplinas não concordavam em “inventar nota”, outros concordavam que ele teve um progresso muito grande.

A questão estava em torno de “Aprovação? Reprovação?” E rotulações como “*Ele vai ser um problema no 1º ano*”. No final o aluno foi aprovado pelo conselho de classe. Ao questionar o aluno acerca de sua entrada ao Ensino Médio, este demonstra estar feliz e faz planos de futuro, como por exemplo seguir a carreira militar, Segundo Douglas, este “*pensa alto*”.

Também abordou-se nesse momento, questões de gênero e preconceito existente entre os próprios alunos. Alguns demonstravam criticidade e outros assumiam preconceito acerca da temática. Em um poema uma aluna cita “*sou reprimido por ser minoria... Não sou doente sou apenas diferente.*”

No texto de Margulis, o autor aborda a questão da juventude como uma categoria unissex, pois a condição de juventude tem sido apresentada de maneira diferente pro homem e pra mulher. O autor afirma que a juventude não é independente do gênero, entretanto na sociedade o tempo e espaços tem sido diferenciado para estes, ou seja, há mais possibilidade de ser jovem homem do que mulher. Diversos outros pontos chamam atenção, como por exemplo uma adolescente cita que tem perguntas que ninguém consegue responder, perguntas sobre o tempo, religião, ou seja, sago os conflitos internos.

a escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta. (DAYRELL, 2007, p. 1117)

O documentário nos auxilia a refletir acerca da polissemia e a multiplicidade de sentidos da escola, como apresentado por Dayrell :

[...] não podemos considerá-la como um dado universal, com um sentido único, principalmente quando este é definido previamente pelo sistema ou pelos professores. Dizer que a escola é polissêmica implica levar em conta que seu espaço, seus tempos, suas relações, podem estar sendo significadas de forma diferenciada, tanto pelos alunos, quanto pelos professores, dependendo da cultura e projeto dos diversos grupos sociais nela existentes.(DAYRELL, 1996, p. 9)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento das análises em torno do documentário, foi possível constatar os diferentes sentidos e compreensões da escola e os sujeitos sociais envolvidos, professores, alunos, diretores, como também os conflitos, as perspectivas de futuro.

Diante disso, vale ressaltar quando Bordieu (1983) em seu livro Juventude é apenas uma palavra , menciona que há interesses políticos e mercadológicos em torno da juventude e sua escolarização, tornando-se um instrumento que possibilita a execução dos interesses capitalistas, apresentando para os jovens de classes populares uma inclusão em espaços excludentes.

Dayrell (2007) apresenta que a condição juvenil e as transformações socioculturais ocorridas no mundo ocidental evidencia uma resignificação de tempo e espaço que não tem sido compreendidas na sociedade em geral, principalmente no espaço escolar. Nesse sentido, Feixa (2003) aborda que não é somente o tempo que constroi juventudes, estas também constroem socialmente o tempo, projetando e reinventando suas vivências nos espaços que se relacionam como por exemplo a escola.

A escola, portanto, isoladamente, não faz as juventudes, pois as juventudes também fazem a escola, espaço este que com sua função social deve partir dos interesses e perspectivas de sua comunidade escolar, no que se refere ao seu processo pedagógico e formativo, não apenas na disseminação de conhecimento, mas no processo de trocas, diálogos e sociabilidades, devendo ultrapassar a visão do conhecimento que é interferido por um muro de separação das classes sociais, que ao longo dos anos vem trazendo o dualismo na educação e conseqüentemente o reforço das desigualdades sociais e escolares.

É importante que ocorra uma compreensão e estudo das juventudes de maneira mais ampla, não no sentido de perder de vista suas subjetividades, mas de refletir de forma mais profunda a relação do jovem e a escola partindo de suas vivências extraescolares, de suas perspectivas e trazendo consigo a criticidade em torno dos objetivos e alienações do sistema capitalista

. A escola de forma unitária e isolada, preocupando-se apenas em atender os resultados almejados pelo sistema capitalista não conseguiu resolver os conflitos vistos no documentário em torno das desigualdades sociais. Entre as possibilidades e limitações que discutimos anteriormente, percebemos que nesse sentido, este espaço é limitado, pois depende de diversos fatores que também envolve o espaço informal e que tem sido tratado como secundário nas discussões sobre as juventudes e os múltiplos sentidos da escola.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, P. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p.1105-1128, out. 2007.

FEIXA, Carles. “Del reloj de arena al reloj digital. Sobre las temporalidades juveniles”, **JÓVENES, Revista de Estudios sobre Juventud**, México DF, 19 (julio-diciembre), 2003, p. 6-27.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1986.

PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural**. Revista Brasileira de Educação. p. 15-24. Mai/Jun/Jul/Ago , nº 5, 1997Set/Out/Nov/Dez nº 6,1997

JARDIM, João. **Pro dia nascer feliz**. Documentário. Produção de Flávio R. Tambellini e João Jardim. Rio de Janeiro: Copacabana filmes, 2006. DVD, 88min.

REIS, R. **Aprender na atualidade e tecnologias: implicações para os estudos no ensino médio**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1185-1207, out./dez. 2014. 2014

SCHMIDT, S. **Quando ter atitude é ser diferente para ser igual: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. (2010)** Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/201>> Acesso em: 20 mar. 2014.

[1] Documentário dirigido por João Jardim apresentando a realidade vivenciada por adolescentes de diferentes classes

sociais em escolas brasileiras de cidades no Brasil.

[2] Conforme o artigo 2º da lei 11.0964/04, a bolsa será concedida “a estudante que tenha cursado o ensino médio completo em escola da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral”.

Mestranda em Educação, pós-graduanda em gênero e diversidade na escola, graduanda em Serviço Social e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Email: pamelaufal@hotmail.com

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 19/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: